

10113

14

B. N. L.
10113

O
CIDADÃO
CONSTITUCIONAL.
DIALOGO

Entre hum Cidadão, e dois Filhos Militares.

POR

ANTONIO INNOCENCIO BARBUDA



I.
Lionardo. Ah! Meu Irmão, quanta gloria
Tenho em vir felicitar-te,
Logo, que cheguei aqui
Corro eu mesmo a encontrar-te.

Pal

2.

Pelo caminho , eu dizia
Oh ! Meu Deos , fazei-me a graça,
Que veja , Pai , e Parentes
Que nada mais me embarça.

3.

Apenas entro em Lisboa
Venho ao Pai , e a ti buscar ,
Saber como paixão ambos
E a paternal mão beijar.

4.

Alberto. Meu Lionardo , que prazer
A minha alma hoje sente ,
Eu te vejo vivo e são
Graças a hum Deos providente.

5.

Lionardo. Dize-me Irmão, como foi
O caso novo acontecido ,
No dia quinze nomearão
Hum Governo esclarecido,

6.

Alberto. Saberás querido Irmão....
Ah ! Nada tenho a contar-te,
O Pai chega , e a elle toca
Quanto aconteceu a narrar-te.

7.

Pai. Quanto és sábia ó Providencia !
Vem ó morte a passo tardo ,
Justos Ceos ! No fim da vida
E eu te abraço meu Lionardo.

8.

Dize como tens passado
A' tempo que não me escreves,
Acaso meu Filho tens
Supportado alguns révezes.

9.

Lionardo. Não meu Pai, nada me aflige
Agora sim docemente,
Peço que digais a Causa
Porque vos vejo contente.

10.

Pai. Sim meu Filho, eu vou já
A completar o teu gosto,
He a causa da Nação
Transborda o prazer meu rosto.

11.

Dia quinze de Setembro
Ah! Não póde o Coração;
Supportar tantos deleites
Oh! Santa Religião.

12.

Neste mesmo dia em fim,
Dia feliz para a Nação,
Proclama a Milicia, e Povo
Ao Sexto D. JOÃO.

13.

Em meus ouvidos retumba
Formidavel éco então,
Vivão as Cortes, e por ellas
A nossa Constituição.

14.

Derepente são vozes
Caso estranho, caso novo,
Manda o Conde de Rezende
Chamar o Juiz do Povo.

15.

Este honrado membro logo
Chegou com seu Escrivão,
Grita o Povo que advogue
Justa cauza da Nação.

16.

Sobe este ao Palacio
Repete o Povo os clamores,
Queremos outro Governo
Nomeai Governadores.

17.

O chefe do Povo em fim
Que não quer, que grace o mal,
Logo alli lhes nomeou
O Illustre Principal.

18.

Homem Illustre, e franco
Que tudo vê, tudo attende,
Nomeia para o ajudar
Ao Conde de Rezende.

19.

Mais fortes acclamações
Ressuárão de alegria,
E o Conde de Sampayo
Proclamárão neste dia.

20.

Exulta o Povo, e a Tropa
Sem remórso, susto, ou medo,
Eis se escuta voz popular
Nomeai tambem Azedo.

21.

He Heróe, digno de nós
Em que achemos Quartel,
Assim como nomeai
O grande Penafiel.

22.

Agora ouvireis meu Filho
Por hum pouco me escutai,
Nomearão o Braamcamp
Grita o Povo o Filho, ou o Pai.

23.

O Filho, responde o honrado
Juiz do Povo, e então
Grita o Povo feliz seja
A vossa justa eleição.

24.

Já a este tempo estavam
As Tropas todas formadas.
Oh! meu Deos, quão grande sois
Graças vos sejam dadas.

25.

Ao Castello de S. Jorge
Mandou Rezende Immortal,
Eis que logo de improvizo
Regoou Salva Real.

26.

Vierão todos os Corpos
Primeira e segunda linha,
Em fim para não cançar-te
Dirti-hei que veio a Marinha.

27.

Lionardo. Ah! meu Pai quantas desgraças
Não temos nós supportado,
Praza aos Ceos que agora mesmo
Tudo fique socegado.

28.

Tambem nós Proclamámos
Esta medida Leal,
Que faz a independencia
Da mudeiração nacional.

29.

Mil graças sim sejam dadas
A' Santa Religião,
Ao Inclito Rei, e Cortes
E á nova Constituição.

30.

Vimos aqui do Porto
Com os Sabios Governadores,
Ao ditoso fim, a que
Se porpõem sem vís temores.

31.

Alberto. Saber deves caro Irmão
O testemunho Real,
Que tem dado o nobre Povo
Da Corte de Portugal.

32.

Com arcos triunfaes o Povo,
E a tropa tem festejado,
Aos Sabios Governadores
Justas provas lhe tem dado.

33.

Pai.

Ah! meus Filhos, eu não posso
Eu pasmo, eu fico em prazer,
Vendo este grande gozo
Agora posso morrer.

34.

Agora vamos meus filhos
Vamos já tres vivas dar,
Hum á Lei, outro ao Monarcha,
Outro á Constituição sem pár.

35.

Todos.

Digamos sim docemente
Do fundo do Coração,
Para sempre seja bemdit
A Santa Religião.

36.

Viva o Soberano excelso
Seu nome faz emmução,
Verdadeiros Portuguezes
Viva o Sexto D. João.

37.

O Sabio Governo, que
Honrou primeiro a Nação,
Chama as Cortes, que nos fação
Suave Constituição.

Vives ó bom Rei,
E a Religião,
Vivem em nossos peitos,
E a Constituição.

Com arcos triumpho o povo,
E a tropa tem festejado
Aos Sábios Governadores
Justas provas tem dado.

Ah! meus Filhos, eu não posso
Eu sei, eu sei, eu sei
Vou ao encontro
Agora posso morrer.

Agora vamos meus filhos
Vamos lá, meus filhos
Hum! lá, outro ao Monumento
Outro a Constituição tem sido.

Digamos sem documento
Do modo da Constituição
Para sempre, para sempre
A Constituição.

Viva o Brasil
Seu nome é Brasil
Verdadeiras Patriotas
Viva o Brasil.

O Sábio Governador, que
Honrou primeiro a Pátria
Chama-se Costa, que nasceu
Nave Constitucional.

Viva o Brasil
Viva o Brasil
Viva o Brasil
Viva o Brasil.

A' RETIRADA

DO MARECHAL BERESFORD.

Dialogo entre os dois amigos, Pedro e André;
em versos jocosos, offerece Ricardo Antonio
Rodrigues este petisco a todos os curiosos.

QUADRAS.

André **O** Pedro, viste o Senhor,
Que se foi, e que tornou,
Que trouxe gin bo, e madeira,
E o mais que por lá pilhou.

Pedro. Sim, bem sei, era o Marechal,
Que vinha mui gordo, e belo,
Ufano por vir senhor,
De baraço, e de cutelo.

Olha os pobres Portuguezes,
Se vem a ser seus captivos?
Algun dia arcabuzava-os
Agora queimava-os vivos.

André. Não digas isso meu Pedro,
Menos diante de gente;
Olha, que elle tem contratos
C'o a justiça do Intendente.

Pedro. Isso foi tempo, este Reino,
Ainda Intendencia tem,
Porém está encarregada
A hum homem muito de bem.

Não tenhas susto ó André
Podes afoito fallar,
He hoje o dom da palavia
Tão livre como o pensar,

Quem he esse fantarrão,
Refinado bugre, Inglez,
Que introduzir-se queria,
Por fidalgo Portuguez.

Estes chéfes lá do Porro,
Que são Heroes verdadeiros
Não necessitão agora
Officiaes estrangeiros.

Vá outra vez pró Brazil,
Ou vá para Inglaterra:
Vá lá por onde quizer,
Que he bem larga, e longa a terra.

Não queremos atura-lo,
O contrato está findado,
Temos muito General,
Vigilante, activo, honrado.

Olha que está boa séca,
O soldado acaba á mingoa
Trabalhando á voz d'hum homem;
A quem não entende a lingua.

E elles a dar-lhe; elles mesmos,
Se se vissem nesta alhada
Desfazião-se dos hospedes,
Mesmo aos couces, e a dentada.

Foi-se, e veio, e já tornou,
Pois não deixou cá saudades,
Deos o leve onde não faça,
Prejuizo ás novidades

André. Olha Pedro eu só receio,
Que zangado em Inglaterra,
Arme por lá tal barulho,
Que venha a parar em guerra.

Pedro. Ora tu sempre és André;
Quem he, que tal medo tem.
Não sabes, que o parlamento,
Abunda, em homens de bem.

Tu comparas os Inglezes:
Como Alcochete com tancos,
Se dão liberdade aos negros,
Hão-de querer tira-la aos brancos.

Naquelle Erario precioso,
Entra, e sahe só quanto basta,
E se o Rei quer mais dinheiro
Hade mostrar, em que o gasta.

Por hum tão sabio regimen
Não ha maldades tamanhas,
André. Eu bem vi, que os que cá estavam,
Traziaõ mui boas manhas.

Pedro. Em toda a parte do Mundo,
Ha bom, e máo, e em rigor,
Sempre o numero dos máos,
He número superior.

Ouve tu humas cantigas,
Que a huma saloia ouvi,
Gostei dellas copieias,
E de cór as aprendi.

O Sol prometteo á Lua,
Huma fita de mil côres,
Tambem o Belfas queria
Refrescar os seus calores

Mas prantou-se a malucar,
Que a coisa não deita sumo;
Deo ás tranças, faça o Belfas
A ida, que fez o fumo.

Ai li, lô, lê, lô, lê, lê,
Ai li, lô, lê, gafanhotos,
Sempre avera-mos andar
Governados por marotos.

O Pai do Ceo acudio,
Bemdito sois Padre Eterno,
Estes malditos piratas,
Ferrai com elles no inferno.

O Senhor quando fabrica,
He tão sabio professor,
Que se bem começa as obras,
Inda as acaba melhor.

SONETO.

A Britanica Não a Vingadora,
Diz que tem maleficios, que he vechada,
Pois deitem-lhe a agua benta, e não he nada,
Que o demonio inquisela e vai-se embora;

Mas eu ouvi dizer á quasi huma hora,
Que era huma coisa má alma encantada,
Que vinha do outro Mundo desertada,
Mas não quer Mesas nem sufragio implora:

Então, que queres cá ó sombra insana,
Acaso tens tenção, que o povo veja,
Mais fogueiras no Campo de Santa Anna,

Marcha lá para os paizes da Cerveja,
Não venhas cá fartar a furia ircana,
Deixa-me em paz ó sombra malfaseja.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com licença da Comissão da Censura.